

Um nome e dois destinos

27 DEZ 1993

AUGUSTO NUNES

A eventual comprovação de seu envolvimento em casos de roubo, avistou João Alves, teria como pena adicional, por ele mesmo decretada, a renúncia à própria vida. No dia 10 de novembro, quando a CPI do Orçamento descobriu que depósitos bancários recentes, num total de quatro milhões de dólares, haviam ampliado a obscena obesidade das contas do candidato a suicida, João Alves atirou-se da janela de uma delegacia de polícia em São Gabriel, no interior do Rio Grande do Sul.

Não, o deputado não tentou cumprir a dramática promessa e renunciar à boa vida — até porque entre os dotes milagreiros do velho pai da Pátria, capaz de acertar na loteria centenas de vezes, não figura o dom da ubiquidade. O João Alves que tentou o suicídio para subtrair-se à prisão tem o mesmo nome do parlamentar baiano e, a exemplo do chefe da quadrilha dos anões, é comprovadamente ladrão. As semelhanças acabam aí.

O João Alves que ameaçou matar-se em Brasília tem 74 anos, é nordestino e bilionário. O que desejou morrer em São Gabriel tem 21, é gaúcho e miserável. Um, especialista na arte do arrombamento de cofres federais, vive no Brasil que nunca soube punir

bandidos ricos. Outro, neófito no ramo do arrombamento de lojas municipais, sobrevive no Brasil que sempre soube castigar criminosos pobres. O assaltante septuagenário atribui a Deus o milagre da multiplicação de cédulas verdes. O jovem assaltante apenas pede a Deus que o livre da cela escolhida para hospedá-lo por dois anos.

O João Alves do cruzeiro real (agora rigorosamente imaginário) envergonha-se do que fez. Em tom resignado, lamenta o afastamento da namorada. “Depois de errar uma vez, a pessoa fica marcada e as outras sempre desconfiam”, constata, antes de informar que a moça foi proibida pela família de visitá-lo na cadeia. O João Alves dolarizado parece ter esquecido a vergonha em algum lugar do passado. Finge-se indignado com o sumiço dos amigos e cúmplices que atulhavam as salas de sua casa nos tempos das vacas muito gordas. E nunca fica enrubescido, mesmo quando conta, para explicar as origens da fortuna de dimensões amazônicas, histórias tão suspeitas quanto o tom henné-graúna dos cabelos.

O condenado gaúcho reivindica uma chance para mostrar que resolveu mudar de vida. “Ele só precisa arranjar um trabalho para se emendar de vez”, anima-se o pai do prisioneiro. O baiano impune segue afrontando os homens de bem com sucessivas evidências

de que alguns gatunos são decididamente irrecuperáveis. Entre as bandalheiras mais recentes merece destaque a tentativa de juntar num mesmo balaio, com anotações grosseiramente improvisadas, o bando de anões parlamentares e políticos íntegros como Ulysses Guimarães ou Fernando Henrique Cardoso. Ao deixar de preencher cartões de loteria, João Alves ficou com as mãos liberadas para outros movimentos. A juntá-las em orações pela salvação da própria alma, preferiu utilizá-las para reincidir em crimes de estelionato.

O ladrão federal jamais habitará uma cadeia semelhante à que aloja o ladrão municipal. Ainda que perca a imunidade parlamentar e acabe condenado pela Justiça, o Mestre dos Anões terá, graças à idade, o privilégio de cumprir a pena em casa. O único problema será escolher, entre tantos imóveis, o mais acolhedor. Uma opção recomendável talvez fosse o terreno de 30 mil metros quadrados em Salvador — na praia, como convém. Trata-se de uma capitania à beira-mar de bom tamanho. Ali poderiam ser construídas, por exemplo, 1.200 celas idênticas ao cubículo de 25 metros quadrados que o prisioneiro de São Gabriel divide com outros 12 joões alves.

Augusto Nunes é editor do jornal “Zero Hora”.